

POVO

ALGARVIO

Semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires
 Redacção e Administração
 Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA
 Composição e Impressão
 Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telef. 265 - TAVIRA

As eleições para Deputados

Discurso proferido pelo sr. Almirante Henrique Tenreiro, na sessão eleitoral realizada em Faro no dia 26-X-1961

Antes de encerrar a sessão, quero congratular-me pela maneira elevada e patriótica como ela decorreu. Judiciosas e bri-

sembleia Nacional na nova legislatura.

Todos eles concretizaram os seus pontos de vista de forma inteligente, clara e precisa, dan-

do-vos a certeza de que o Algarve continuará a dispôr de representantes de valor, dedicados e esclarecidos, capazes de defender superiormente os interesses desta região e prestar a sua melhor colaboração ao País.

Continua na 3.ª página



Almirante Henrique Tenreiro

Ihantes foram as afirmações feitas pelos oradores que acabámos de ouvir. Três figuras distintas desta província, — um Militar, um Médico e um Advogado — apresentam-se comigo, pelo círculo de Faro, candidatos a Deputados à As-

Discurso proferido pelo sr. Dr. Jorge Correia na mesma sessão

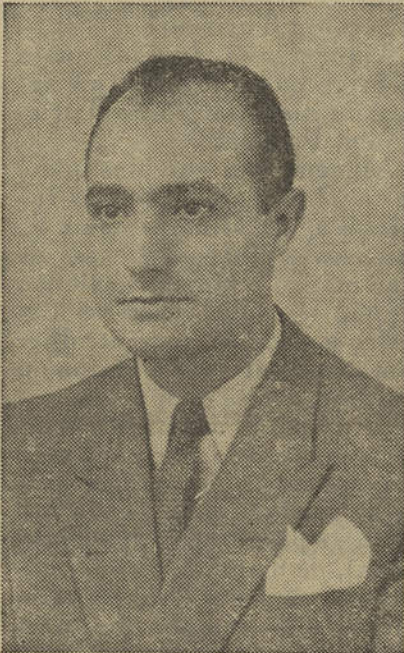
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Ao dirigir-me ao eleitorado, constituído aqui por esta distinta Assembleia, sem outra preocupação que não seja a de abrir-vos o meu coração de homem simples, faço-o em primeiro lugar com os meus mais rendidos agradecimentos pela maneira expressiva como os dirigentes de todo o Algarve me manifestaram o seu apoio à minha candidatura, bem como às inúmeras pessoas que de alguma maneira me significaram a sua simpatia.

A presença de V. Ex.ª nesta sessão, tomo-a também como prova de assentimento e apoio por isso que sensibilizada agradeço.

Se é certo que a minha carreira política tem sido gradual, como quem sobe uma escala hierárquica, posto que de legiãoário desde os 18 anos de idade, Conselheiro Municipal,

Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e Presidente da Câmara Municipal desde 1959, a verdade é que o convite para aceitar a a inclusão do meu nome como



Dr. Jorge Correia

candidato à Assembleia Nacional pelo Círculo de Faro me desvaneceu.

Continua na 2.ª página

Não tememos!

ANUNCIA-SE no palco da O. N. U. uma nova ofensiva de calúnias, mentiras e insultos, mais uma tentativa (vã) de atingir o prestígio de Portugal, por motivo da sua presença em África.

por J. Justino

Inspirada pelo bloco comunista, executada pelo chamado grupo afro-asiático e eventualmente assoprada por paíes, ou paíes, que não pertencem, nem a um, nem a outro, a ofensiva não tem pontos de apoio

senão os já inexpressivos «slogans» do colonialismo, auto-determinação e quejandos.

É curioso registar que a auto-determinação à volta da qual fazem tanto barulho não é bem o que entendemos como tal. Assim, em Angola, brancos e pretos estão em unanimidade determinados a continuarem portugueses, evidência que se não discute. Mas esta auto-determinação não serve aos nossos detractores, que apenas pretendem que os brancos portugueses abandonem Angola para lá se instalem brancos de outras nacionalidades com o intuito de escravizar os pretos servindo-se de meia dúzia deles, mesmo que sejam estrangeiros na Província para os mascarar de... Governo autópomo.

É provável que esta nova ofensiva assuma grande violência, comandada por peritos

Continua na 4.ª página

Rotary Club de Faro

No passado domingo realizou-se em Lisboa um «Instituto de Um Dia», manifestação de instrução e informação rotária a que presidiu o sr. engenheiro Manuel José Lopes Pereira, Governador do Distrito Rotário N.º 126, que teve como conselheiro o Past-Governador sr. Augusto Serras, do Rotary Club de Lisboa.

Os trabalhos tiveram início às 9 horas de manhã e encontravam-se representados os Clubes de Coimbra, Alcobaca, Caldas da Rainha, Vila Franca de Xira, Lisboa Lisboa-Norte, Almada, Setúbal e Faro. Há duas semanas tiveram lugar no Porto, idêntica reunião com a participação dos nove clubes situados além-Mondego.

O debate travado pelos representantes dos Clubes foi utilíssimo e das conclusões tiradas do mesmo se prevê uma larga difusão dos ideais de Rotary, nas zonas do País onde os mesmos ainda são ignorados, para que assim, seja possível continuar a reunir os verdadeiros homens de boa vontade e, consequentemente criar mais clubes.

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

Continua na 3.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Dum argueiro fez-se um Cavaleiro

Ex.ª Sr. Dr. Dias da Costa

CUMPRE-ME exarar, in limine, o meu agradecimento a V. Ex.ª pelos reparos que teve a bondade de fazer a despretenciosas considerações apresentadas no «Povo Algarvio» à margem do substancioso artigo que entendeu por bem incluir nas colunas daquele jornal.

Tais reparos representam para mim a prova da muita atenção que se dignou conceder à leitura das minhas destrambelhadas fantasias e denotam ainda grande generosidade porque eu corrigiria outras mil deficiências, se a vida me concedesse lazeres para cuidar da escrita com os requintes condignos dos leitores menos exigentes.

Os seus reparos foram conduzidos com paciência evangélica e método... cartesiano, mas julgo ter prevenido que não tomava partido na discussão em causa e apenas me interessava o assunto. Podia ter transcrito: «O gosto dum suave pensamento me fez que seus efeitos escrevesse».

O pensamento era suave mas os contendores não necessitavam defesa nem mereciam ataque. Suponho-os possuidores de avultados cabedais de ordem cultural de que se possam valer e eu nem muito nem pouco possuo.

O poeta tem por si a obra, e a apreciação de pessoas responsáveis pelas opiniões que publicamente emitem, nomeadamente

Continua na 4.ª página

Escola Técnica de Tavira

NO dia 11 de Outubro foi a Escola visitada pelo distinto Inspector do Ensino Técnico, sr. Dr. Fernando de Pamplona, o qual foi cumprimentado pelo sr. Dr. Jorge Correia, ilustre presidente da nossa Câmara e a quem aquele estabelecimento de ensino tanto e tanto deve, pelo Director da mesma e todo o corpo docente.

Foi esta a primeira visita de inspecção pedagógica que se efectuou naquela escola depois do início do seu funcionamento.

— Por oferta do Jardim e Museu do Ultramar, de Lisboa, foram recebidos mostruários de madeiras e produtos ultramarinos para o ensino dos alunos desta Escola Técnica.

— Também vários organismos oficiais e centros comerciais, agrícolas e industriais particulares, remeteram para distribuição entre esses alunos, publicações de muito interesse.

— Esta Escola ficou integrada nas subdelegações da M.P., esperando-se que desse orga-

Continua na 2.ª página

O exemplo da Conceição de Tavira

Uma Campanha em Marcha

CONFORME havia sido anunciado neste jornal, realizou-se nesta freguesia, no passado dia 1 do corrente, o Ofertório Público e Solene para as obras de restauro da Igreja Paroquial.

Presidiu ao acto S. Ex.ª Rev.ª o sr. Bispo, tendo à sua direita o sr. Presidente da Câmara de Tavira, que representava também o sr. Governador Civil, e à esquerda o sr. Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

Tomaram também assento na Tribuna outras altas individualidades do concelho de Tavira, sendo de destacar a presença do sr. Eng. Manuel Marques Pinheiro, assistente técnico da obra. O desfile teve início às 15,30 horas, levando à frente a Banda de Tavira, que gra-

ditamente nos prestou tão belo serviço. Incorporados no cortejo seguiam alguns grupos folclóricos, exibindo os seus cantares e trajes regionais.

Queremos salientar a presença dos rapazes da Escola de Pesca de Tavira, cujo Director, sr. Comandante Henriques de Brito, é um dos principais amigos da nossa freguesia.

Continua na 3.ª página



Fachada da Igreja de Conceição de Tavira

Auxílio às famílias dos nossos soldados que combatem em Angola

Pela Casa dos Pescadores de Tavira foi enviada à Junta Central das Casas dos Pescadores a quantia de 6.756\$50, correspondente ao produto de um dia de pesca, oferecido pelos pescadores locais das áreas da sua jurisdição, associados nesta Casa dos Pescadores, com destino a auxiliar as famílias dos nossos soldados que combatem em Angola.]

Cap. Vítor Castella

FOI promovido ao seu actual posto, pela última Ordem do Exército, o

nosso prezado amigo e colaborador sr. Capitão Vítor Castella que se encontra prestando o serviço no Distrito de Recrutamento e Mobilização, em Faro. Embora nascido acidentalmente em Macau, é taviense pela ancestralidade e algarvio pelo coração.

O sr. Capitão Vítor Castella, que viveu toda a mocidade nestas margens do Séquia, foi aluno do Colégio Militar, onde tirou o curso liceal, e mais tarde frequentou a Universidade de Lisboa, aqui sentiu os seus primeiros arroubos de poeta, foi nesta nobre e velha cidade que escreveu o seu primeiro poema e, quem sabe, talvez fosse no «Povo Algarvio» que inseriu a sua primeira produção.

Companheiros de muitos anos nas lides desta Redacção, apressados, por tal motivo endereçamos-lhe as mais cordiais saudações pela merecida promoção agora registada.

TROVA

Uma cruz que a devoção faz erguer no cemitério, é o traço de união Entre o Homem e o Mistério.

Isidoro Pires

Discurso do sr. Dr. Jorge Correia

Continuação da 4.ª Página

É que a honra de continuar num posto de maior responsabilidade trabalhando com Salazar não é distinção que se não receba sem uma certa emoção ainda que materialmente, no meu caso, não seja de tentar.

De tentar é o jubilo de nos considerar-mostripulantes desta grande Nau superiormente dirigida pelo maior e mais luminoso estadista dos últimos tempos!

Não me tentou pois nem a glória de mandar nem a vã cobiça... Tentei-me pelo Mestre!

E em consciência poderá alguém dizer «não» a quem se tem entregado inteiramente e a todas as horas à Nação e por todos nós?!?

Ainda há bem pouco tempo quando a Pátria impelida por misteriosos desígnios parecia principiar a desmembrar-se, quem a segurou?!?

Quem a restituiu à sua glória e finalidade histórica?

Quem a manteve articulada insuflando-lhe a seiva que hoje a faz florescer de novo por toda a parte desde o Minho a Moçambique, desde Timor a São Tomé?!...

Quem segurou no momento decisivo oito Séculos do passado e quantos Séculos do porvir?!...

A resposta é bem simples, límpida como água cristalina e escreve-se apenas com uma palavra — Salazar!

Há poucos dias um consultante, homem rude e de poucas letras no final da consulta, nas conversas de despedida e a propósito de Angola me dizia: «Devemos tudo a Salazar e os portugueses deviam dar-lhes todos uma pinga de sangue para lhe continuarmos a vida»!

Que maneira tão singela e ao mesmo tempo tão edificante de manifestar o seu reconhecimento!

Estas são flores com que o povo humilde brinda o seu Chefe sem esperar outra recompensa que não seja a continuação de Portugal!

Minhas Senhoras e meus Senhores

Ao apresentar-me a V. Ex.ª como candidato à Assembleia Nacional ficaria de mal com com a minha consciência se vos não dissesse alguma coisa sobre a minha maneira de pensar acerca dalguns problemas de carácter nacional ou apenas de interesse regional e sob os quais hei-de oportunamente intervir.

Da introdução se conclui que sou por Portugal uno e indivisível, não me canso de o dizer e tudo o que a Pátria me exigir sacrificarei em holocausto desta ideia!

Sou pela continuidade do regime tal qual como Sua Excelência o Presidente do Conselho definiu. Não temos que procurar novas ou velhas fórmulas, novos ou velhos figurinos. Criámos uma doutrina que se consubstanciou no Estado. Novo que deveremos manter e sempre jovem com a expressão da nossa força, da nossa fé e de nossa inteligência.

Sou por Deus e pela Família, pela Paz e ordem social que desfrutamos.

Sou pelo capital mas apenas na medida em que este se afirma fonte de trabalho e iniciativa, progresso e bem estar geral e não como elemento de subversão!

Sou pelas medidas que o Governo entenda promulgar no sentido dum mais amplo acesso à cultura, à riqueza e consequentemente à maior elevação do nível material e espiritual de todos os portugueses.

Mas se me identifico com as linhas gerais que nos norteiam, não quer isto significar que esteja inteiramente de acordo com a maneira como alguns

problemas se têm processado ou mesmo equacionado.

É evidente que os tenho de observar e porventura discutir com certo calor próprios da minha idade onde há muito de esperança, mas em especial à luz do conceito de vida da nossa época na qual se nota uma inquietação geral «a velocidade» sem excluir ponderação!

Assim, nesta ânsia de podermos desfrutar tudo o que a ciência ou as artes a natureza ou o engenho dos homens ponham ao nosso alcance, nesta ânsia de ascensão e progresso o que ontem constituía uma aspiração e parecia ser meta passa a ser apenas ponto de partida de novos desejos e novas preocupações!

É à luz desta ética que os Governantes, qualquer que seja o grau hierárquico em que se situem, terão de gerir, sob pena de não se ajustarem à época nem aos anseios das populações.

Em política o que parece é — diz Salazar — e salvas as devidas proporções de quem discorre acrescentarei em política e no futebol ganha quem tiver melhor poder de antecipação.

Devo mesmo dizer, pelo que me tem sido dado observar, que nada é mais grato nem causa mais profundo e salutar impressão ao homem de hoje do que a rapidez com que se procure resolver os problemas.

Esta é razão por que as palavras de S. Ex.ª o Presidente do Conselho «rapidamente e em força» assentarem como um bálsamo na mentalidade da nova geração nacionalista!

No horizonte político-social da Nação dois grandes problemas urge resolver por setem eminentes e estarem iminentes pois já se encontram equacionados — o da Previdência e o da Saúde.

Cabe à Assembleia Nacional que vai ser eleita a honra mas ao mesmo tempo a gravíssima responsabilidade de se pronunciar sobre tão magnos problemas da vida Nacional.

Estamos certos que todos os encararemos com os olhos postos no prestígio do regime, sem esquecermos que temos de continuar a provar a nossa capacidade, que somos os melhores e somos dignos de arvorar, sem quebra de força anímica, o facho da Revolução Nacional!

Como médico direi mesmo que vou sentir vivamente estes problemas e em especial o da assistência até porque o conhecimento melhor e consequentemente poderei dar com mais justeza o meu testemunho.

Sobre eles emitirei oportunamente a minha maneira de ver e o que a minha experiência aconselhar na certeza de que as intervenções terão o cunho da sinceridade e do desejo de acertar e ser útil ao nosso País.

E sobre os problemas propriamente regionais?

Temos de criar um organismo tipo «FNPT» aplicado aos frutos secos a fim de se evitar que os proprietários sejam joguetes do interesse de meia dúzia de indivíduos que mantêm nas suas mãos este comércio.

Que sensação de tranquilidade hoje um preço, amanhã ou mesmo passadas poucas horas, outro!

Sobre o custo da energia eléctrica entendemos que o problema terá de ser revisto, pelo menos de início para a indústria, pois não faz sentido que uma fábrica de igual porte, situada uma no Norte do País, outra no Algarve, esta gaste a mais umas dezenas de contos do que a sua congénere em energia eléctrica, trabalhando as mesmas horas.

No estado actual como se pode industrializar o Algarve?

Se não viemos para a Na-

Escola Técnica de Tavira

Continuação da 1.ª página

nismo, adirão altos benefícios para a mesma.

Para os alunos com dificuldades financeiras, serão distribuídas fardas da M. P., em condições muito favoráveis.

O estado de saúde da população escolar, pode considerar-se muito bom.

— Continua a não se registar castigo algum — embora pequeno — no cadastro da sua população escolar.

— Entre todos os alunos, foram por eles escolhidos os 4 futuros directores de outros tantos «jornais de parede», que começarão a ser publicados no presente mês.

— Dentro em breve os alunos iniciarão os seus trabalhos «circum-escolares» fora da Escola, visitando, para isso, algumas organizações sindicais e monumentos históricos de Tavira.

— Pela M. P. espera-se que venham a ser cedidos alguns filmes culturais para serem passados entre os alunos.

PRECISA-SE

Empregado de Mesa, no Restaurante Mira — Tavira.

cionalidade com D. Afonso Henriques, fazemos parte integrante dela e temo-lo provado em todas as vicissitudes desde D. Afonso III.

E sobre Turismo? Alguém tem dúvidas que o Algarve há-de presidir ao arranjo e distribuição do Turismo em Portugal?

Alguém tem dúvidas que é nesta Província de longes luminosos, de clima ameno, de extensos e fulvos areais, de mar manso e tépido, cheio ao mesmo tempo de interesse histórico e onde se pode escolher com rara facilidade o plano ou o monte, o vale ou a praia, onde se pretenda descansar, sempre emoldurado por paisagens paradisíacas? Temos que procurar resolvê-lo em escala nacional, e porque não dizer Nacional, de maneira a podermos receber, nas suas várias categorias, mas sempre confortavelmente, os turistas de todo o Mundo.

E para quando o povoamento florestal desses 350.000 hectares da nossa serra, quase desaproveitada?

Quantos milhares de famílias aqui teriam o seu pão assegurado?!

Antes de terminar não quero deixar de me congratular pela felicidade que advém para a Província e para mim ter como companheiros de candidatura os srs. Almirante Henrique dos Santos Tenreiro e Coronel Manuel de Sousa Rosal Junior, experimentados políticos, Homens de largos e relevantes serviços prestados à Nação, e ainda o sr. Dr. João Rocha Cardoso, fogoso orador e entusiástico nacionalista, certo de que todos seremos solidários e estrénuos defensores da Nação e do Algarve!

Minhas senhoras e meus senhores:

Para além destes reparos, filhos do desejo sadio e construtivo de vermos Portugal ombrear com os mais evoluídos países do Ocidente, há a vontade firme e inquebrantável de combater por esta mesma forma a heresia que é o comunismo, essa cegueira espiritual da nossa época, ainda que à nossa volta e em deslumbrante céu, se abram todas luzes dos átomos!

Mais brilhante e esplendorosa é a luz que há 2.000 anos se acendeu para nos iluminar e aquecer a existência.

Façamos em Portugal todas as reformas sociais que urge fazer, mas que as ilumine e aqueça a graça e o espírito Cristão!

Viva Portugal!
Viva Salazar!

Se me dão licença...

NÃO desejo intrrometer-me na polémica estabelecida pelo sr. Dr. Dias Costa sobre um artigo, publicado neste jornal pelo sr. Dr. Carlos Picoito e não me animam quaisquer ressentimentos para com um, ou para com outro.

O Dr. Carlos Picoito conheço-o desde 1937 ou 1938, quando brilhante aluno da Faculdade de Direito de Lisboa; e daí para cá nunca mais falei com ele, por nunca mais o ter visto. O sr. Dr. Dias Costa não sei quem é, o que faz, ou onde mora.

Mas se me dão licença, também quero meter a minha «colher» na saudade, muito embora seja pessoa de poucas letras e não conheça, nem a definição científica de saudade, nem o que sobre ela diz Guerra Junqueiro e outros poetas de nomeada.

Se bem percebi tudo quanto li no «Povo Algarvio», o crítico assevera que se o amor morreu não há saudade, pois esta é uma sobrevivência daquele, enquanto o criticado diz que a saudade substitui o amor desaparecido, melhor, morto o amor passa a haver saudade: — a última nasce em consequência da morte do primeiro.

Se não for isto, peço que me desculpem, por não ser, como já disse, pessoa letrada.

Todavia, parece-me que a razão está do lado do criticado — o Dr. Picoito.

Vejam um exemplo comedido:

Se alguém — um fulano como eu — morre, ninguém diz, depois da sua morte: eu amo fulano, mas sim, eu amei fulano, ou tenho saudade de fulano.

Enquanto esse fulano é vivo, diz-se: — eu gosto, eu amo. Mas depois de morto, diz-se somente: — eu gostei, eu amei. Portanto, um passado — um pretérito. No presente, diz-se apenas: eu tenho saudades de...

Ora, se houvesse sobrevivência de amor, parece-me que o verbo continuaria no presente.

Verbo ou «predicado», acen-tue-se, porque isto anda muito áspero...

Isto digo eu que não sou dado a letras e que fui buscar às palavras do povo as minhas razões.

Há também uma frase que uma vez ouvi a um senhor e que queria dizer, mais ou menos, isto: acabada a causa, cessa o efeito. A modos que se a causa do amor morreu, o efeito, esse mesmo amor, desapareceu, substituindo-o a saudade.

Mas isto digo eu que não sou formado e que há muitíssimos anos fiz o exame da quarta classe na minha escola, onde me leccionou um velho professor, com bigode muito branco mas muito furibundo.

E desculpem este desabafo.
C. N. P.

MEL — COMPRO

Rua José Joaquim Jara, 1 — Tavira.

Subvenção às famílias dos militares em serviço no Ultramar

A Portaria n.º 18.781, do Departamento da Defesa Nacional, recentemente publicada, regulamenta o decreto-lei n.º 43.823 que estabelece as subvenções aos familiares dos cabos e soldados em serviço no Ultramar.

As subvenções de Família variam, conforme os casos, em 600 e 900\$00 mensais. Além das subvenções, podem os militares estabelecer pensões aos seus familiares de harmonia com os seus vencimentos, que são os normais da Província onde se encontram a prestar serviço, acrescidos da alimentação e da subvenção de campanha nas zonas de operações.

Consideram-se como Família:

— A mulher
Os Filhos de idade inferior a 16 anos

— Os ascendentes com mais de 60 anos

— Os irmãos ou irmãs de idade inferior a 16 anos.

— Mulher sexagenária que criou ou educou desde a infância o militar, sendo este orfão.

As idades estabelecidas não são de considerar desde que se trate de indivíduos fisicamente incapaz,

A subvenção de Família é concedida mediante requerimento do militar interessado ou das pessoas com direito à subvenção, dirigido, conforme os casos, aos titulares das pastas do Exército, Marinha e Aeronáutica.

As subvenções são devidas por cada dia de permanência nas fileiras, a partir de 1 de Março do corrente ano, desde que sejam requeridas dentro do prazo de 60 dias a contar de 18 do mês corrente, para as praças já ao serviço e, a partir da data do requerimento, nos outros casos.

Procurou-se assim atender à situação das Famílias dos militares em serviço no Ultramar por forma a garantir a todas as melhores condições de vida possíveis.

VENDE-SE

Uma propriedade com 9 alqueiros e meio, no sítio da Jaqueira, Conceição de Tavira.

Quem pretender dirija-se a José dos Santos — Rua Poeta Emiliano da Costa — Tavira.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

O discurso do sr. Almirante Henrique Tenreiro

Continuação da 1.ª Página

Eu sou o único dos quatro candidatos que não nasci nesta província. Mas, como todos V. Ex.ªs sabem, há muito que trago no coração.

Sou marinho e o Algarve é berço de marinheiros. Não é de estranhar, por isso, que eu sinta, desde sempre, uma dedicação especial por este canto de Portugal, de tão belas e ricas tradições na nossa História.

Foi no Norte de Portugal que se fundou a nacionalidade, mas jamais poderemos esquecer que foi no Algarve que ela se consolidou.

Laços de profunda amizade e de constante labor ligam-se incondicionalmente a esta bela região, pelo que é meu propósito continuar a pugnar pelos seus mais legítimos anseios dentro do quadro mais elevado da defesa dos sagrados interesses nacionais.

Labor constante — disse — ligam-me a esta província e ao seu mar, ou, mais concretamente, a um dos seus mais importantes sectores: o da pesca.

É aí que mais se terá sentido a minha acção, o que não impede, como é evidente, que quando algum outro problema surge, mesmo fora do âmbito da pesca como tem acontecido, eu o encare com o maior cuidado e carinho em mira da solução. Justa pois nunca deixo de ter presentes os deveres que resultam da minha qualidade de deputado e amigo do Algarve.

Pouco mais terei a dizer depois dos tão brilhantes e esclarecidos depoimentos dos meus camaradas nesta candidatura.

Nem eu queria tirar-vos mais tempo, demorando esta sessão.

Sinto contudo o direito e até o dever de dizer mais alguma coisa.

Poucas palavras, mas que são neste momento oportunas e necessárias e que deveremos lembrar a toda a hora sem receio de nos repetirmos.

É grave o momento presente e todos temos de nos compenetrar que o País necessita mais do que nunca da Unidade Nacional. A Nação inteira está lutando na defesa do território nacional, apoiando uma acção governativa de defesa de direitos inalienáveis e indiscutíveis.

É preciso não renegar os sacrifícios de todos e, especialmente, os dessa juventude que, em Angola, arrisca a vida, com um sorriso nos lábios, batendo-se heróicamente pela eternidade da Pátria.

É com orgulho que todos os portugueses — do Minho a Timor — vêm assistindo nestes últimos meses à Unidade que se estabeleceu no País, cada vez mais intransigente na defesa dos nossos interesses ultramarinos.

Devemos ser o apoio leal e seguro dessa juventude, que tão exuberantemente demonstrou, pelo seu brio e coragem, estar bem decidida a não consentir na entrega do território nacional.

Que todos os portugueses, nas linhas da rectaguarda, os acompanhem com o mesmo entusiasmo e sacrifício, amparando-os em todas as circunstâncias no combate a todos os ataques que nos possam fazer.

Tenho a certeza que se todos nós portugueses, constituindo uma grande nação plurirracial, manivermos consciência do que nos cumpre defender neste momento, e que só a Unidade poderá assegurar, chegaremos vitoriosos ao fim desta difícil cruzada e servindo a causa do Ocidente, nesta luta que se está travando e na qual está em jogo a própria sobrevivência dos povos ocidentais.

Por isso, também nas vota-

ções em causa se impõe uma manifestação da Unidade Nacional, como combate intransigente às forças malévolas, que vêm do estrangeiro e procuram espalhar as garras do mal por todo o Ocidente.

A esses devemos responder — como fazem os nossos compatriotas que se batem em Angola:

Aqui é Portugal!

É Portugal conduzido pela orientação superior e a mão firme de Salazar há mais de trinta anos no caminho do bem e do progresso.

Todos temos de estar gratos ao Homem providencial — Salazar — que deu toda a sua vida pela Salvação de Portugal, que nos doutrinou numa política que tem levado o País ao seu constante desenvolvimento, sem desfalecer na defesa do seu património.

Mas não se esqueça, porém, de que em qualquer circunstância está nas mãos de todos os portugueses uma quota parte da defesa do património nacional nesta hora grave em que a Pátria está ameaçada.

Defendendo Portugal e a política de Salazar, afirmamos essa Unidade e mostramos ao Mundo que pretendemos: os nossos lares protegidos e não os queremos esfacelados por influências estrangeiras de desagregação que só vêm perturbar a paz e as tradições gloriosas de oito séculos de História.

Está, pois, posto o problema à consciência de todos os portugueses nesta hora grave e de defesa da nossa Pátria.

A nossa comparação nas urnas no dia 12 é uma das melhores afirmações de confiança que podemos dar ao princípio sagrado da Unidade Nacional.

É para finalizar na sequência do que vos disse, peço que me acompanhem em três vivas:

Vivam as Forças Armadas!
Viva Salazar!
Viva Portugal!



Pela Província

Luz de Tavira

Formatura — Com alta classificação concluiu a sua formatura em Ciências Matemática, na Universidade de Coimbra, o sr. Dr. David Pereira Martins, funcionário das Finanças em Lisboa. Por tal motivo endereçamos-lhe os nossos parabéns.

Casamento — No passado dia 15 do corrente, realizou-se na Igreja paroquial desta povoação, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Helena Costa Viegas, prexada filha da sr.ª D. Maria Antónia Costa Viegas e do sr. João Viegas Bárbara, motorista da E.V.A., com o sr. João Chagas das Neves, funcionário de Finanças, em Olhão, filho da sr.ª D. Maria do Rosário Chagas já falecida e do sr. Paulino Gago das Neves, comerciante em Tavira.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a sr.ª D. Maria Augusta Justa Pereira e o sr. Aníbal Pereira Guerreiro, Agente Técnico e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria do Rosário Sancho Pinto, residente em Vila Real de St.º António e o sr. Ventura José Angelo Ladeira, funcionário público.

Presidiu à cerimónia o reverendo prior desta freguesia padre José Arsénio Águas. Após a cerimónia foi servido aos inúmeros convidados um lauto copo de água, na residência dos pais da noiva. No corbeille viam-se valiosas prendas. Ao novo casal desejamos-lhe muitas felicidades.

Diversas — Aproveitando alguns dias de férias esteve nesta localidade, a fim de tratar de assuntos particulares o sr. Esequiel Augusto Palmeira, Guarda Fiscal em Alcântara.

— No passado dia 22 do corrente, foi operado no Hospital de Tavira, a menina Maria Helena Trindade Cruz, filha da sr.ª D. Maria Celeste Trinta Cruz e do sr. José Sebastião da Cruz, comerciante nesta localidade, que decorreu com muita felicidade. — C.

Noticias Pessoais

Aniversarios

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Isabel B. Olimpio, menina Rita Maria Fernandes Correia Celorico e o sr. Dr. Rui João Aboim de Faria Pereira.

Em 6 — D. Maria Leonarda Vaz Figueiredo, D. Maria Cândida da Fonseca e Silva e os srs. Casimiro Eduardo dos Santos e Carlos Alberto Leiria Ambrósio.

Em 7 — D. Maria José Brito Gago Cansado, D. Marília Mendonça Coelho da Palma Passos Valente, meninos António Tomás Viegas Pires, Carlos Alberto Trindade Madeira Gomes, D. Celestina Lucinda Vaz Figueiredo e o sr. Sebastião Artur Santana.

Em 8 — D. Isaura Calvinho Horta, D. Maria Cândida Entrudo Viegas, D. Maria Libânia da Conceição Costa, meninas Maria José dos Mártires, Maria Irene das Candeias e o sr. Joaquim Jerónimo de Almeida.

Em 9 — D. Maria das Candeias Lopes da Cruz, D. Fernanda Falcão Trindade de Carvalho e o menino João Cavaco de Sousa.

Em 10 — D. Maria da Conceição Barão Pacheco, D. Aida Costa Ginja Dinis e o sr. Dr. Alfredo Marques Teixeira de Azevedo.

Em 11 — D. Maria Eugénia Baradas Martins Peres e o sr. Agostinho José Gomes Peres.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade, tendo oferecido um lanche aos seus amigos, no Restaurante «Mira», no passado dia 1 do corrente, o nosso conterrâneo sr. José João dos Santos Dores, devotado taurino.

— Após ter passado uns dias no Algarve regressou à sua casa em Lisboa, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo, sr. Coronel Dr. Vasco Martins.

Casamento

No passado dia 18 de Outubro realizou-se nesta cidade, o casamento civil da sr.ª D. Maria José Parreira Fernandes, filha da sr.ª D. Gracinda das Dores Parreira e do sr. João Fernandes, já falecido, com o sr. Alferes José Gregório Garcia Luis, filho da sr.ª D. Isabel Nogueira Garcia Luis e do sr. José Gregório, já falecido.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, seus irmãos, sr.ª D. Maria da Encarnação Parreira Fernandes Ribeiro e sr. João dos Santos Parreira Fernandes e, por parte do noivo, sua mãe, e o sr. José Filipe Ribeiro, agente técnico de Engenharia.

Liga dos Combatentes da 6. Guerra CONVITE

Sábado, dia 11 do corrente, pelas 10 horas, a Subagência da Liga dos Combatentes, manda celebrar missa por alma dos mortos na Grande Guerra de 1914-1918 e ainda por alma daqueles que, contra o terrorismo, deram a sua vida para honra e glória da nossa querida Pátria.

As 12 horas, a mesma Subagência irá depôr um ramo de flores junto ao Monumento, na Praça da República, onde guardará um minuto de silêncio.

ALUGA-SE

Uma garagem, que também serve para qualquer ramo de negócio.

Quem pretender dirija-se a Adriano Baptista Santos, Praça Dr. António Padinha — Tavira.

Pomar, arrenda-se

No sítio da Sinagoga, próximo da estrada Santo Estêvão — Tavira.

Tratar com Luís Arrais. Recebem-se propostas, reservando o direito de não entregar se o preço não convir.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

Viação perigosa

Na madrugada de 23 de Outubro findo, na estrada de Beja ao Algarve ocorreu, em circunstâncias lamentáveis, um desastre de viação em que perderam a vida dois nossos comprouvianos, marido e mulher, Domingos da Silveira Branco e Brito e D. Romana Martins Branco e Brito. O casal, que não deixou filhos, era muito estimado, gozando de gerais simpatias em Beja, onde residia n.

O sr. Domingos Branco e Brito, de 44 anos, era considerado funcionário na Delegação do I.N.T.P., de Beja, filho do falecido Comandante Branco e Brito, antigo Capitão do Porto de Faro, teve logo morte instantânea e sua esposa, filha da sr.ª D. Maria José Martins e do sr. Aníbal Augusto Martins, funcionário aposentado dos Caminhos de Ferro, não resistiu aos ferimentos recebidos, vindo a falecer no hospital de Beja, para onde fora conduzida.

Do acidente também ficaram feridos os passageiros do outro automóvel, srs. Alfredo Borba e Raul Semedo.

A causa do desastre foi um tractor que puxava uma charrua, conduzido pelo sr. Custódio Olímpio Fonseca de Carvalho, que se atravessou na estrada, dando origem a que chocassem os veículos conduzidos pela vítima e pelo sr. Raul Semedo.

O funeral do inditoso casal realizou-se no dia seguinte em Beja, tendo constituído sentida manifestação de pesar, onde se incorporaram muitas centenas de pessoas de todas as camadas sociais daquela cidade, de Almada, onde residem seus pais e sogros, e do Algarve.

O motorista do tractor foi enviado ao tribunal.

À família enlutada e em especial ao nosso prezado amigo e assinante sr. Aníbal Augusto Martins e a sua esposa, nossa conterrânea sr.ª D. Ária José Martins, apresentamos sentidos pêsames.

O Cortejo de Oferendas da Conceição

Continuação da 1.ª Página

Onze carros linda e artisticamente ornamentados conduziam as mais variadas ofertas que iriam ser parte no Ofertório da Missa Vespertina celebrada por Sua Ex.ª Rev.ª.

Antes, porém, de começar a Santa Missa houve uma pequena sessão solene, em que usaram da palavra os srs. Prof. José Joaquim Gonçalves, Pároco da freguesia, Presidente da Câmara e o nosso venerando Prelado.

Foi posta em evidência a necessidade e importância da obra e a forma tão generosa como o povo correspondeu.

Terminada a sessão seguiu-se imediatamente a Santa Missa.

No momento do Ofertório o Venerando Celebrante recebeu nas suas sagradas mãos, real e simbolicamente, as oferendas, cerimónia que constituiu uma grande manifestação de fé e caridade.

Não podemos deixar de testemunhar aqui, publicamente, o nosso muito obrigado como Pároco e em nome da Comissão Fabriqueira.

Tinhamos fé na caridade dos nossos amigos e agora já temos também a esperança de levar a cabo a nossa obra.

Bem hajam os amigos da Conceição de Tavira. Que Deus os abençoe e lhes dê muito que dar e lhes acrescente o que fica. Seja pelas almas.

No próximo número publicaremos o resultado exacto do Ofertório que calculamos deverá atingir cerca de 23.000\$.

Dum argueiro

fez-se um Cavaleiro

Continuação da 4.ª página

xima-se de Ruy Cinatti: A morte da vida é o começo da verdadeira Vida.

«Distúrbios» parece-me preferível a «erros», pois dentro de certa concepção de arte estão bem. Refiro-me a fauvismo, surrealismo e seus congéneres, que têm por próprio diferente arrumação de valores. Questão de esteticismo.

Quando a fantasia impera acabaram as leis e portanto só é erro acreditar no erro.

Concordo que poetas que não sabem o que dizem não são poetas.

É boa! — locução interjectiva — significa admiração ou aplauso. Não ficou nada bem mas mingou tempo para revisão e o burrinho foi à feira sem cabeçada.

Grande infelicidade não compreender os poetas? Infelicidade, só para eles. Aos que os não compreendem terá a Natureza concedido dotes mais compensadores.

Com licença de V. Ex.ª transcrevo um parágrafo de que, por mais que atente, não consigo captar o sentido:

«...aos pobres verzejadores, ceguinhos de viola e saco, que os echacorvos de todos os tempos, no alarde e propaganda de conta própria de valor que não possuem, cumulados com satisfação doentia da sua vaidadezinha de exibição, vão tentando impingir, em arengas de compromisso, ao bom povo indefeso.»

Tomada à letra poderia suscitar responsabilidades que me confesso incapaz de atribuir.

O mais cristalino arroio da mais pura poesia tanto pode brotar do peito de ceguinho de viola (ou bandurra), coberto de farrapos, como daquele que freme sob as palmas de oiro da academia. Os poucos recursos poéticos do cego (se poucos forem) serão enormes no âmbito apertado da sua miséria gloriosa.

«...as palavras usadas por alguém que criticámos.»

Também não concordamos. Não foi o alguém, com toda a certeza, o criticado; foram as palavras.

Finalmente peço desculpa de tantas contradições, filhas duma ignorância raza e teimosia impenitente. Possa Deus V. Ex.ª com os seus bons ensinamentos criar nas gerações de amanhã uma consciência poética mais bem formada e esclarecida, que dum argueiro não faça um cavaleiro, como se tem visto.

M. G.

VENDE-SE

Por motivo de retirada, barco a motor de passageiros, que também serve para agência de vapores ou pesca. Motor de 75 H. P., estado novo. Estando a trabalhar entre Faro e suas praias. Vende-se por metade do seu valor.

Tratar na Rua do Compromisso, 70 — Faro.

VENDEM-SE

Casas em Tavira e Monte Gordo

Tratar com José Joaquim Ferreira, Suc.



Pela Cidade

ALGARVE Desportivo



Campeonatos Nacionais da I e II Divisões

Continuação da 1.ª página

damente o sr. Dr. Júlio Dantas que o considerou «mestre na quadra popular», honra muito subida e estimada pela nossa terra.

Atendendo a que V. Ex.ª sugere, permita-me então que recapitule, procurando maior clareza.

1.º — Julgo que focar um assunto através de dois planos não coincidentes não implicará contradição.

2.º — Atendendo ao ponto de vista lexical as palavras «saúde» e «distância» não parecem afins, portanto chamar definição ao já célebre dístico é não escolher termo assaz próprio, mas de modo nenhum erro gravemente grosseira a não ser que, com manifestação má vontade ou com hipóbole o façamos.

«Definir o ser será, pois, enunciar as suas características ontológicas, tais e quantas as necessárias para o diferenciar de todos os outros da mesma essência específica.

Dizendo que não me parecia próprio conceder aquela afirmação o valor duma definição científica (lexicológica) não responsabilizava ninguém por via de tal.

Quando aos versos parecerem-me de todo bem, visto a circunstancial «distância» estar integrada no complexo «saúde» e podermos ainda recorrer a facilidades autorizadas pela estilística.

3.º — Chamar à saúde «portuguesíssimo sentimento» desculpe V. Ex.ª que continue a parecer-me b-m.

É certo este que estado de espírito, como o sr. Doutor muito bem fez notar se comporta como sentimento ubiqüitário, reacção do humano e não do racial, isso não impede que os portugueses o usem (com certeza) mais que qualquer outro povo.

A literatura gostou sempre de se mover em torno de qualquer palavra «mágica» de que fez bordão nas várias escolas.

A princípio vieram as coytas as coyçadas e cuytadas. Depois que o corifeu do romantismo iluminou a saudade e fez dela a letra cabidial dum trecho que primorosamente lavrou, tornou-a palavra da ordem do movimento de arte de que foi chefe. Castilho quis opor-lhe a «primavera», de duração bastante restrita e efémera; a «questão coimbrã» não a destronou. As Mensagens, Presença e Inquietação, encontraram-na tão enraizada que nem lhe pediram meças. Enfermamos dela. Usamos e abusamos como sentimento e como vocábulo. Quer ver? criamos, avivamos, matamos, cultivamos, desfolhamos, guardamos, mandamos, enviamos, recebemos, temos, não temos, conservamos, transmitimos, etc. «muitas saudades», chegando ainda a haver quem tenha a habilidade de morrer de saúde.

Serão assim tão prestimosas as equivalentes estrangeiras? «Português» não significa apenas natural do nosso País. Português também se considera o que nos é muito afecto, o que muito usamos, o muito próprio (no sentido de conveniente). O amor das viagens, da aventura, é sentimento muito português. Exclusivo ou aqui nascido? Decerto que não.

A propósito do barco «Dão» disse Salazar: «...leva o nome e o sentimento bem portugueses...» O sentimento de dar, o da generosidade, não é nosso exclusivo nem aqui nasceu e Salazar sabe moldar os seus discursos num aticismo pouco vulgar.

4.º — Portuguesíssima, não admite V. Ex.ª por mor dos adjectivos gentílicos não suportarem graus de comparação. De verdade assim acontece. No entanto «portuguesíssimo» considera-se idiotismo da língua, consagrado pelo uso.

5.º — Parece que, quanto à saudade do amor que morreu, ou que sobrevive, o assunto ficou arrumado com a citação da quadra da «Canção Perdida».

Parafraseando ainda deverei confessar que na minha dura cabeça não entra a noção de que saudade seja faculdade; por isso mesmo que apenas existe como fenómeno emocional não é capaz de fazer sobreviver o amor. Dependente da memória, é susceptível de a modificar e mais nada. Recordando a infância dum filho, o pai tem saudades das suas graças e até das perrices mas não das doenças que o fizeram temer a perda do ser amado.

Depois de expostas estas frágeis razões sem consequências, onde não quero ensinar o Padre Nosso ao Vigário, poderá V. Ex.ª, com razão, supor que este desdobar de indulgência sobre o que inveciava será assacá-lo de múltiplas sem-razões.

E não é. Muito longe estou de considerar na respeitável pessoa de V. Ex.ª o zoilo mesquinho e impertinente, nova espécie de Tartarim que em vez de leões tivesse ido caçar mosquitos ao Atlas.

Antes de pela primeira vez escrever sobre este assunto quis saber da identidade do signatário da «carta», ao que, pessoa mal informada me respondeu que devia ser alguém de longe. Depois de saber de quem se tratava tive imensa vontade, mas outra tanta impossibilidade, de pessoalmente apresentar desculpas da minha pública atitude discordante.

A meu ver, irreverências e impetuosidade acusam juventude.

A gente nova sai do estudo ovante, como o insecto que despiu o casulo e se lança à conquista dos espaços ou o profeta que saiu a endireitar os caminhos do Senhor.

A dura lição da experiência que o curso não deu mas a vida vai ministrar, a projecção dolorosa de contrariedades insuperáveis, transformarão a mocidade na velhice ponderada e compreensiva que lhe parecia intolerável.

Não há tempo para mim, nem espaço no semanário para, mesmo em resumo, tocar todos os casos que o seu densíssimo artigo requer. Ao acaso seguem repostas a consideração que mais o exigem. Desculpe.

O Crítico é necessário; o crítico, verdadeira peste; pois se o primeiro fomenta e encoraja a criação artística, o segundo paraliza-a.

O Crítico não se prende a ninharias. Visa primeiro o conteúdo ou a parte espiritual da obra, depois o processo de comunicação e a honestidade do seu emprego, o efeito da causa (o efeito, em última análise, é a causa da causa) e se depois disto o trabalho o merecer, desce então a pormenores. Assim, Camões cometeu erros mais gravemente grosseiros que os que V. Ex.ª aponta, sem desdouro para os seus trabalhos.

Não quero significar que não louvo os seus esforços para elevar o nível poético do património literário. Poesia integral, poesia pura, expurgada, esterilizada, acabará por perder a fresca espontaneidade e torna-se o «seco, duro, estéril monte». O Le Corbusier em verso...

O apontamento poético que teve a gentileza de apresentar parece-me bem valioso de conteúdo. Ideologicamente apro-

Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos no mês de Novembro:

Enfermarias — Drs. Jorge Correia e Ramos Passos.

Consulta externa — De 1 a 15, Dr. Jorge Correia, às 8 horas. De 16 a 30, Dr. Ramos Passos, às 17 horas.

Consulta no dispensário do I.A.N.T. — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, às 17 horas. De 16 a 30, Dr. Jorge Correia, às 8 horas.

Cirurgia Geral — Consultas em 5 e 19 pelos Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia mental — Consulta em 25, pelo Dr. Manuel da Silva, às 15 horas.

Oftalmologia — Consulta em 12, pelo Dr. Artur May Vianna, às 9 horas.

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana —

Hoje, para maiores de 17 anos, A Mulher que viveu duas vezes, em Tecnicolor com James Stewart, e Kim Novak.

Quinta-feira, para maiores de 12 anos, O Águia Negra, com Rossano Brazzi, Irasema Dilian e Gino Cervi. Em complemento, Francis Dedective, com Donald O. Connor.

Sábado, para maiores de 12 anos, O Enamorado, com Pedro Infante e Sarita Montiel. Em complemento, O Mártir do Calvário, com Henrique Rambal.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Sousa.

Não tememos!

Continuação da 1.ª Página

em guerra de nervos, afim de perturbar o ânimo nacional com a enormidade das mentiras, ou diminuir-lhe a firmeza com o teor das ameaças. Serão inúteis tais propósitos porque estamos prevenidos e não tememos. A Razão está conosco e o nosso direito é indiscutível.

O progresso de Angola e Moçambique e dos outros territórios africanos é tão evidente para juizes imparciais que nada temos a temer do julgamento internacional sobre a nossa obra de civilização no continente negro.

Não é uma fazenda que exploramos, é Portugal como são Portugal o Minho e o Alentejo, a Madeira e os Açores. Nunca fizemos discriminações raciais, ou outras; muitos dos nossos ali constituíram os seus lares casando com indígenas; nossos irmãos de cor frequentam com os brancos os nossos liceus e Universidades e o mais belo sentimento de fraternidade a todos une.

Se isto é colonizar (e para nós colonizar é isto) abençoada palavra. E quanto mais nos ameçarem na O. N. U. e agredirem em Angola ou noutra Província, firme será a nossa determinação de defender sempre e em toda a parte terras de Portugal.

É da nossa tradição não ter medo de papões. Nós vencemos os do Mar Tenebroso.

Precisa-se

Empregada ou empregado para balcão, em qualquer categoria, na Merceria Bernardino Mateus — Tavira.

1.ª Divisão Lusitano de Évora 2 — Olhanense 1

Os algarvios deslocaram-se no passado domingo a Évora, onde sofreram a primeira derrota do campeonato em curso.

O encontro disputado no campo Estrela foi, na verdade, uma luta de gigantes. O Olhanense iam decorridos 17 minutos de jogo estava na posição de vencedor, mercê duma boa jogada de Matias, que o mesmo finalizou da melhor maneira. Os eborenses sentindo o perigo tentaram obter a igualdade que, a premiar os seus esforços, surgiu pouco depois.

No segundo tempo a partida manteve as mesmas características: parada e resposta.

Os locais, porém, eram mais objectivos no ataque se bem que, os algarvios, também perdessem algumas boas ocasiões de marcar. Iam decorridos 28 minutos do segundo tempo, os cubistas foram punidos com o castigo máximo. José Pedro, chamado a marcar o castigo, atirou de molde que proporcionou a Filhó excelente defesa.

Faltavam apenas 5 minutos para o termo do encontro, Caiçara obteve o tento da vitória para a turma alentejana.

O Olhanense viu-se assim afastado do 3.º para o 6.º lugar da tabela.

Hoje, Olhão estará de novo em festa, pois o calendário marca o encontro:

Olhanense — Porto

CLASSIFICAÇÃO GERAL				
	V.	E.	D.	B. P.
Sporting . . .	3	1	—	9-1 7
Benfica . . .	2	2	—	12-4 6
Atlético . . .	3	—	1	11-7 6
Académica . . .	3	—	1	7-5 6
Lusitano . . .	2	1	1	6-2 5
Olhanense . . .	2	1	1	5-4 5
Belenenses . . .	1	2	1	8-5 4
Porto . . .	1	2	1	2-3 4
C. U. F. . . .	2	—	2	6-8 4
Beira-Mar . . .	1	1	2	5-10 3
S. Covilhã . . .	—	2	2	3-5 2
Salgueiros . . .	1	—	3	3-11 2
V. Guimarães . . .	—	1	3	4-8 1
Leixões . . .	—	1	3	2-10 1

2.ª Divisão Farense 2 — Oriental 0

O Farense não podia de maneira alguma deixar estes dois pontos em mãos alheias, pois o campeonato ainda há pouco teve início e os algarvios ainda não perderam as suas aspirações.

Os alvi-negros, jogando em bom plano, com boas desmarcações e troca de bola, não tiveram dificuldade em vencer um Oriental que nunca chegou a ser um perigo, pois as suas jogadas eram facilmente anuladas pelos leões de Faro.

Lusitano 1 — Beja 3

Quem diria que o Desportivo de Beja, então «lanterna vermelha» da zona sul, iria vencer em Vila Real de Santo António a turma local, sua vizinha na cauda da tabela?

Poucos ou nenhuns se atreviam a pensar em tal. E o imprevisto aconteceu. Os alentejanos arrancaram dois preciosos pontos e cederam a «lanterna» aos pombalinos.

Os rapazes de Vila Real têm que levantar o moral que eles sabem deve existir numa equipa, para assim fugirem da zona negra da tabela geral, honrando ao mesmo tempo a camisola que envergam.

Jogos para hoje: Lusitano — Alhandra; Olivais — Farense; Oriental — Portimonense.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B. P.
Setúbal . . .	4	—	—	13-2 8
Barcelense . . .	4	—	—	14-6 8
Farense . . .	3	—	1	9-4 6
Alhandra . . .	3	—	1	15-11 6
Portimon. . .	3	—	1	7-6 6
Seixal . . .	2	—	2	14-9 4
Montijo . . .	2	—	2	5-10 4
C. Piedade . . .	1	1	2	6-6 3
Campomaior . . .	1	1	2	4-6 3
Oriental . . .	1	1	2	5-8 3
Beja . . .	1	—	3	6-15 2
Olivais . . .	1	—	3	2-8 2
Sacavenense . . .	—	1	3	6-9 1
Lusitano . . .	—	—	4	1-8 0

Rui Nobre

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Tavira

AVISO

Por motivo da mudança do transformador de saída que abastece este concelho, a Aliança Eléctrica do Sul, comunicou a estes Serviços Municipalizados, que interromperá o fornecimento de energia eléctrica no próximo Domingo, dia 5 do corrente, das 8 às 10 horas daquele dia.

Tavira, 3 de Novembro de 1961.

O Chefe da Secretaria
George Rosado

Mosaicos Leão

Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmore, pedras para balcão, lava-louças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA